

# A cultura dos Concursos Infantis de Beleza e a construção de infâncias femininas consumistas

Antonio Jorge Ferreira Knupp<sup>1</sup>  
Daniela Ripoll<sup>2</sup>

## Resumo

Busca-se analisar as múltiplas infâncias femininas contemporâneas construídas pelos/nos certames de beleza. Os referenciais teórico-metodológicos adotados são os Estudos Culturais e os Estudos Etnográficos Pós-Modernos. O estudo mostra que as pequenas misses investem e preocupam-se intensamente com a produção de um corpo feminino adultizado e erotizado. Os certames propagam a ideia de magreza e vendem os corpos das misses como perfeitos, sugerindo que as meninas devam almejar padrões de beleza inatingíveis. As meninas construídas na/pela cultura dos concursos de beleza se constituem como consumidoras compulsivas, inventando novos modos de ser criança.

**Palavras-chave:** concurso infantil de beleza; infância; consumo.

## The culture of child beauty pageants and the construction of consumist female childhood

### Abstract

This paper seeks to analyse the multiple contemporary feminine childhoods constructed by/in beauty pageants. The theoretical and methodological references adopted are Cultural Studies and Postmodern Ethnographic Studies. The study shows that small girls invest in and are intensely concerned about the production of a grown-up and eroticised female body. The pageants propagate the idea of thinness and they sell the bodies of the girls as perfect, suggesting that the girls should strive for unattainable beauty standards. The girls built in/by the culture of beauty pageants become compulsive consumers, inventing new ways of being a child.

**Keywords:** Child beauty pageant; childhood; consumption.

---

1 Graduado em Letras pela Universidade Estadual de Londrina. Mestre e Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil. É professor do curso de Estética e Cosmética da ULBRA/Santa Maria. E-mail: knupp2013@gmail.com

2 Licenciada em Ciências Biológicas, Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É professora do Curso de Ciências Biológicas e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil. E-mail: daniela\_ripoll@terra.com.br

Textura	Canoas	v. 19 n.41	p. 154-174	set./dez. 2017
---------	--------	------------	------------	----------------

## INTRODUÇÃO

O que ensinam os concursos infantis de beleza? Como são construídas as infâncias femininas contemporâneas que frequentam concursos de beleza – impregnados pela cultura do espetáculo, por apelos ao consumismo, marcados pela competição desenfreada e pela constante exposição dos corpos? Estes são alguns dos questionamentos que nortearam a presente investigação, inspirada nos Estudos Culturais<sup>3</sup> e nos Estudos Etnográficos Pós-Modernos (KNUPP, 2015). Foram observados três certames infantis de beleza (cujos nomes são omitidos em função de questões éticas de pesquisa) voltados para a escolha de misses entre um e doze anos. Como resultados dessas observações foram elaborados três diários de campo separados (designados como A, B e C) entre setembro de 2013 e novembro de 2014. Fotografias, gravações de apresentações, entrevistas informais e textos midiáticos diversos também compõem os registros dos diários de campo (GOTTSCHALK, 1998; WORTMANN, 2007). As inserções de textos midiáticos (excertos de jornais, revistas e programas de TV, letras de música, cenas de clipes musicais, etc.) em meio aos registros de diário de campo têm a ver com o entendimento de que tais textos culturais participam tanto da construção de pequenas misses quanto das impressões que as pessoas podem ter dos concursos e de suas participantes. Buscou-se fazer, ainda, alguns apontamentos sobre essas infâncias femininas que vão às competições de beleza e, inescapavelmente, sobre todo o “entorno” de práticas e estratégias de captura dessas infâncias<sup>4</sup>.

Fundamentados em Wortmann (2007), que toma “o educativo em uma dimensão ampla que implica estendê-lo para além da sala de aula, das práticas escolares e das instituições formais de escolarização” (p. 76), consideramos os concursos de beleza funcionando como “escolas”, apresentando um currículo próprio, composto de uma série de normas, conteúdos, objetivos, etapas, premiações e códigos de regulação que vão se transformando historicamente. E, ainda, como instâncias pedagógicas que interpelam as crianças de diversas formas, ensinando-as o que é permitido (produções exageradas, danças sensuais, salto alto, bronzamentos, roupas justas, transparentes, fendas etc.) e o que é proibido dentro de uma escola de formação de pequenas misses (não

---

3 Adota-se, neste artigo, a constituição dos Estudos Culturais em Educação como uma “ressignificação e/ou uma forma de abordagem do campo pedagógico em que questões como cultura, identidade, discurso e representação passam a ocupar, de forma articulada, o primeiro plano da cena pedagógica” (COSTA, SILVEIRA E SOMMER, 2003, p. 54).

4 Para maiores esclarecimentos metodológicos consultar Knupp (2015).

sorrir, balançar os braços, chorar espontaneamente, etc.). Entendemos que tais práticas culturais de “fabricação” de uma menina miss posicionam o consumo, a hipersexualização, a espetacularização, a valorização excessiva da beleza, o desejo de conquistar o primeiro lugar como constituidores centrais desses sujeitos infantis.

Na primeira parte deste artigo, problematizam-se as infâncias de meninas que participam desses concursos de beleza. A seguir, discutem-se alguns ensinamentos das competições de beleza e, ao final, apresentam-se alguns outros resultados que emergiram das observações dos certames.

## **INFÂNCIAS FEMININAS CONTEMPORÂNEAS**

Hoje as possibilidades de representação da infância também se ampliaram: fala-se em infância digital, em infância desrealizada, em infância midiática, em infância adultizada, em infância erotizada, em criança sabe-tudo, em criança-monstro etc. (FERREIRA, 2005, p. 211).

A citação acima sugere que devemos falar de infâncias, no plural e não no singular. Na atualidade, as transformações sociais, políticas e econômicas inventam diversas possibilidades de ser criança e, portanto, admite-se que as infâncias contemporâneas são constructos sociais e históricos, e não simplesmente “fases” baseadas na Biologia (STEINBERG e KINCHELOE, 2004). Momo (2007), em sua tese de Doutorado, afirma que não existe um jeito certo de viver a infância e ao qual os demais jeitos devam ser ajustados: “o modo de conceber a infância (...) varia de acordo com o tempo, o espaço, as condições culturais e sociais” (p. 115). Para essa autora, infância é “um objeto cultural que é fabricado pelos discursos, pela mídia, pelo consumo e pelas condições culturais de pós-modernidade” (op. cit. p. 116). Existem diferentes formas de viver a infância e múltiplos modos de ser criança que estão em constante processo de ressignificação/transformação (FELIPE; GUIZZO, 2003). Como problematiza Walkerdine (1999), “a natureza da criança” não é descoberta, mas produzida em regimes de verdades criados nas práticas culturais e sociais (p. 77).

Na Idade Média, não havia diferença entre crianças e adultos, ou seja, não havia ainda o discurso de que as crianças precisavam de um tratamento diferenciado. Elas participavam diretamente do mundo dos adultos. Já na

modernidade as crianças eram tidas com seres ingênuos e dependentes dos adultos. Nesse período, professores, psicólogos, pais e a sociedade em sua amplitude consideravam os estágios de desenvolvimento biológico da criança como fixos e imutáveis (FELIPE; GUIZZO, 2003).

Debert (2010) apresenta as relações entre adultos e crianças em três períodos da história. Para esta autora, na Idade Média, as crianças não eram separadas do mundo adulto. Elas participavam da vida social e do mundo do trabalho desde muito cedo. A representação de infância, para Debert, foi inventada ao longo dos séculos e só lentamente roupas, jogos, brincadeiras, entre outras coisas, foram acentuando as diferenças entre crianças e adultos. Já a transição da Idade Média para a Modernidade levou, segundo ela, à construção da ideia de adulto como um ser “independente”, “com maturidade” e “responsabilidade”, enquanto a ideia de criança foi sendo construída como se referindo a um ser “frágil” e “dependente”. A referida autora ainda argumenta que “a padronização da infância, adolescência, idade adulta e velhice pode ser pensada como resposta às mudanças econômicas, devidas, sobretudo, à transição de uma economia que tinha como base a unidade doméstica para outra baseada no mercado de trabalho” (DEBERT, 2010, p. 59). Debert mostra que o processo de globalização e, contemporaneamente, a presença das mídias borram a separação da infância e da vida adulta, já que as crianças passaram a ter acesso ao que antes era permitido apenas aos adultos. Dessa forma, houve um apagamento das fronteiras que separavam adultos de crianças.

Pensando nos concursos infantis de beleza, as meninas que deles participam, em especial, estão cuidando de seus corpos, se embelezando de forma sensual e, muitas vezes, erotizada, enfim, tornando-se meninas-mulher. Os concursos de beleza infantis, ainda sob o viés de Giroux (1998), mostram que

os processos de sexualização e mercantilização das crianças nos concursos não são completamente diferentes das relações sociais que ocorrem em outros locais em que os órgãos e partes do corpo de jovens meninas são usados para saciar o desejo do mercado [...]. O que conecta os concursos de beleza ao mundo da publicidade e da moda é que as meninas estão sendo ensinadas a se tornarem pequenas mulheres, enquanto que na sociedade adulta as mulheres estão sendo ensinadas a assumirem a identidade de crianças abandonadas e impotentes (GIROUX, 1998, p. 51-52).

A preocupação com a produção corporal dessas meninas começa muito cedo, com sessões de hidratação, de bronzeamento, de depilação (sobrancelhas, buço, pernas), de alisamentos dos cabelos, de massagem, de escovas, de colocação de próteses e clareamentos dentários, bem como sessões de maquiagem, de colocação de cílios artificiais, de unhas postiças e pintadas, de seios e bumbuns postiços. Todos esses recursos estéticos, antes inimagináveis, emergem na contemporaneidade e são utilizados farta e amplamente pelas meninas dos concursos de beleza. Para Beck e Guizzo (2014), “é característica cultural e social (...) fortes e maciços investimentos nos corpos com o intuito de constituí-los dentro de padrões que reforçam sinônimos de moda e embelezamento, veiculados pelas instâncias sociais e culturais” (p.180).

Nas sociedades contemporâneas, os certames infantis de beleza reforçam, especialmente nas meninas, a importância de esconder, atenuar, disfarçar marcas, pintas e cicatrizes corporais, mesmo aquelas que, de modo geral, consideramos “simples”. Em prol da beleza, por exemplo, mesmo que se tenha uma cabeleira sem sinais de envelhecimento (quase impossível na infância) e farta, se aconselha colocar uma extensão. A boca é outro foco muito importante para a miss, os lábios devem ser carnudos e sensuais (e, para disfarçar um lábio fino, por exemplo, as meninas recorrem ao lápis de contorno de boca. Este serve para redesenhar os lábios além do seu formato natural, ampliando-os). Os dentes precisam estar extremamente alvos, além daquilo que a genética permitiu, por isso, na semana anterior ao concurso, se recomenda fazer um clareamento e, ainda, corrigir pequenas deformidades (alinhamento, preenchimentos de espaços entre os dentes – por mais pequeninos que sejam –, utilização de próteses móveis para serem usadas em momentos estratégicos [avaliação do corpo de jurados, fotos, gravações de cliques]), entre diversas outras estratégias e técnicas. No livro “*101 Secrets to winning beauty pageants*”<sup>5</sup>, Ann-Marie Bivans (1995) afirma que o sorriso é absolutamente uma das declarações mais fortes que uma concorrente faz. Essa “dica” de Bivans – que diz respeito às aspirantes a miss adultas – também se aplica, ao que parece, às misses infantis.

Segundo Silveira Netto (2010), as críticas feitas aos concursos de beleza referentes à divulgação de padrões de beleza inatingíveis têm levado as mulheres à insatisfação permanente com o corpo. Muitas destas acabam se

---

<sup>5</sup> Segundo a autora, essa obra foi inventada para ser uma guia de “segredos” e de “aconselhamentos” para se obter sucesso em um concurso de beleza.

submetendo a intervenções cirúrgicas (às vezes, de alto risco) e a grandes agressões ao corpo. No caso das crianças, isso se torna ainda mais assustador... Ao ler a obra de Bivans (1995), é preciso questionar e problematizar as diversas práticas adotadas nos certames de beleza – por exemplo, o uso de sapatos de salto alto para “alongar as pernas” e deixar o corpo da pequena miss “mais proporcional”; o bronzear do corpo para parecer mais magro e esconder/disfarçar manchas e outras imperfeições. Tais práticas reforçam, nas meninas, o sentimento de que é preciso investir em embelezamento para se atingir os padrões de beleza “produzidos na esteira da cultura e do social” (BECK; GUIZZO, 2014, p. 181), e “que os investimentos e [essas] práticas são empreendidos não somente para se aceitarem, mas – principalmente – para serem aceitas aos olhos de quem as vê” (op. cit.).

Guizzo (2005), no decorrer de sua dissertação intitulada “Identidades de gênero e propaganda televisivas: um estudo no contexto da educação infantil”, ao se referir à infância, afirma que

através dessa preocupação com a aparência que cresce aceleradamente entre as crianças, percebe-se o quanto está havendo transformação e/ou reconfiguração no entendimento de infância. Se antes as crianças deixavam que seus/suas responsáveis tomassem conta de seus visuais, na contemporaneidade, várias delas provavelmente por se mostrarem mais independentes e vaidosas, querem poder escolher o tipo de corte e a cor dos cabelos, as roupas que vão vestir e os acessórios que vão usar. E com isso dão margem para que os diferentes mercados que se voltam para elas cresçam ainda mais, produzindo uma variedade e uma abundância de produtos, mercadorias e serviços para tentar saciar a vontade e o desejo de consumir que já, de forma ampla, existe entre tal faixa etária (GUIZZO, 2005, p. 44).

A mídia apresenta-se como uma importante instância de produção e difusão de desejos e vontades – e, mais: como “um lugar privilegiado de aprendizagens diversas, pois aprendemos com ela desde formas de olhar e tratar nosso próprio corpo até nos modos de estabelecer e de compreender diferenças de Gênero” (FISCHER, 2001, p. 16). Ampliando esse argumento, podemos afirmar que na cultura dos certames infantis de beleza, esses aprendizados são evidenciados de forma intensa. Para Louro (1997), quando se aborda gênero, é preciso pensar em um processo de construção no âmbito das relações sociais, e não em proposições essencialistas, existentes a priori. As

concepções de gênero se diferenciam, não só entre as sociedades ou períodos históricos, mas no interior de uma determinada sociedade, ao considerarmos os grupos que a constituem. Além disso, como salientam Gomes e Miranda (2014):

Na perspectiva feminista, o corpo é uma construção política. Um conjunto de dispositivos incide sobre as mulheres [e meninas] e seus corpos. Desde a regulação de ciclos, passando por práticas da feminilidade – maquiagem, cosméticos, transformação química dos cabelos, cirurgias ‘estéticas’, dietas rigorosas, ‘cultura *fitness*’, moda *fashion* – chegando até as anorexias e bulimias, um rigoroso e repetido controle se exerce sobre o corpo feminino convertido aos ditames da procriação e às prescrições higienistas (GOMES; MIRANDA, 2014, p. 98).

Guizzo (2005) afirma que o conceito de gênero ainda não é pensado de maneira plural, havendo social e culturalmente, ao que parece, apenas uma única forma de ser menino e de ser menina. Nesse sentido, as meninas aspirantes à miss são, a todo o momento, repreendidas pelas mães, promotores etc. com frases que demonstram que em nossa sociedade só existe uma forma de ser menina (“*menina não pode correr*”; “*menina não pode falar ou dar risada alta demais*”; “*menina só pode sentar com as pernas cruzadas*”). Corroborando com Guizzo, Sabino (2000), ao pensar em questões de gênero no interior das academias de ginástica, afirma que a masculinidade se define imagetivamente na parte superior do corpo (ombros e costas), enquanto a feminilidade enfatiza a região inferior do corpo (quadril, nádegas e pernas). Isso não é diferente quando pensamos nos investimentos que constituem as meninas e os meninos participantes de certames infantis de beleza em relação a seus corpos. As meninas aprendem que, para serem misses, elas precisam ser “femininas” e, para isso, é preciso “bumbum empinado” e com movimento de quadril durante o desfile, enquanto o menino aprende que, para ser masculino, precisa caminhar com cintura rígida, costas largas e peitoral projetado (mesmo que não se tenha definição muscular).

Ruggi (2005) argumenta que as técnicas corporais das modelos femininas, durante os desfiles na passarela, devem proporcionar movimentos de quadris para valorizar a cintura; os pés um na frente do outro “traçados” e “os braços movimentam-se de forma que fiquem, um de cada vez, escondidos atrás do corpo para um observador em frente à modelo” (p. 64), enquanto os homens também dão passos longos, porém com braços e pernas movimentados

paralelamente. Além disso, para eles, o movimento acentuado “aceitável” em termos sociais e culturais é o dos ombros, e não o do quadril.

Essa ênfase apontada sobre diferenças de gênero é muito presente nos concursos de beleza, pois a pequena miss aprende que deve caminhar “rebolando” com as duas mãos na cintura; diante do corpo de jurados, pode atirar “beijinhos”; acenar; sorrir. Em contrapartida, o mister<sup>6</sup> infantil tem que caminhar com as mãos soltas; manter-se sério; parar diante do júri de pernas abertas e alinhadas aos ombros. A linguagem corporal adotada pelos homens/meninos, nas passarelas, é construída e adotada para demonstrar força, autoridade, dureza (fazem cara de mal, de bravo, de ser superior), e a expressão corporal das mulheres/meninas é construída e adotada para demonstrar delicadeza, suavidade e sensualidade.

Embora a preocupação com o corpo seja disseminada nas culturas contemporâneas independente do gênero, ela é muito mais intensa no que diz respeito às meninas. Os concursos de beleza para homens/meninos estão começando a surgir no Brasil, mas não há tanto acolhimento, aceitação e empenho por parte dos organizadores. A impressão cultural prevalente (ou, ainda, a suspeita) quando se pensa que um menino de cinco anos está preocupado com o seu corpo, com a sua beleza e com um concurso de mister é que ele é (ou será) gay. Social e culturalmente falando, ainda é a mulher/menina que é tida como alguém que “naturalmente gosta” de cuidar de sua imagem.

O entendimento de que não se nasce belo radicaliza-se, de certa forma, nos concursos infantis de beleza – e as noções de corpo-projeto (projeto de vida, inclusive, árdua e perpetuamente sofrendo alterações, ajustes, “melhorias”, redesenhos etc.) e de corpo-performance adquirem centralidade. Os concursos infantis de beleza atuam de forma pedagógica, pois ensinam a suas participantes sobre a importância de se ter um corpo magro, bronzeado, ajustado, engessado e formatado para miss (o que envolve a postura, o jeito de caminhar, a forma de sorrir e de expressar sentimentos e simpatia etc.). Esse excesso de preocupação com o corpo pode ser visto na produção de uma menina de cinco anos em um concurso de beleza internacional no qual a mãe da miss, a todo instante, se preocupava com o corpo da filha, pois em sua opinião, a menina estava “barrigudinha e com o estômago alto”. Além disso,

---

<sup>6</sup> “Mister” refere-se ao homem/menino que participa de concursos de beleza, em certames que corresponderiam aos de misses.



uma mãe nos Estados Unidos, em maio de 2011, perdeu a guarda da filha Britney (fig. 1), de oito anos de idade, após comentar em entrevista a um programa de televisão ter aplicado toxina botulínica (Botox) na menina para ajudá-la a conquistar títulos de beleza.

Figura (1) – Britney, participante de concursos infantis de beleza nos Estados Unidos, recebendo uma aplicação de Botox



Fonte: <http://www.news.com.au/entertainment/tv/kerry-campbell-loses-custody-of-8-year-old-daughter-she-injected-with-botox/story-e6frfmyi-1226057230833>, acessado em 06/08/2017.

O apelo às tecnologias de ponta para embelezar/esculpir/fabricar o corpo faz parte, de forma já banalizada e considerada “natural”, da construção social de uma miss adulta. Em jovens e meninas pequenas, caso de Britney, por exemplo, tal apelo a práticas que tornam o corpo biológico objeto e centro das atenções, da idolatria e do consumo ainda choca, mas, como ressalta Guizzo (2011), as meninas, “se quiserem ser consideradas ‘verdadeiramente’ femininas, devem relacionar-se à questão da beleza, da vaidade, da preocupação com a aparência” (p. 142).

Os concursos infantis de beleza vão criando lições de embelezamento através da ampliação do significado de beleza, lições em torno dos modos de ser menina na contemporaneidade (não sair de casa sem maquiagem e cabelo escovado ou penteado; buscar ser bela custe o que custar; ser competitiva; ter postura; ser sensual); lições éticas e morais, entre outras. A busca por um

corpo infantil que corresponda aos preceitos femininos contemporâneos leva à erotização, pois as meninas misses precisam aprender a andar com o bumbum empinado e bem “reboladinho”, precisam parar diante das câmeras com olhares, boca, e pernas especialmente postas de modo a fornecer uma ideia de sensualidade. Guizzo (2011) chama atenção para o fato de que a valorização e a preocupação com o corpo, no Brasil, se devem “à representação de que aí elas [as mulheres] são, além de bonitas, sensuais” (p. 143).

Percebe-se que as pequenas misses “aprendem que para serem desejadas, amadas, valorizadas, precisam se comportar de determinada forma” (FELIPE, 2014, p. 31). Apresentamos, a seguir, um excerto de diário de campo<sup>7</sup> que reforça as afirmativas que vêm sendo problematizadas por Felipe (2014), Beck e Guizzo (2014) e que, sob o nosso olhar, ilustra as sete apresentações da música “Show das poderosas” da cantora Anitta<sup>8</sup> realizadas durante o show de talentos<sup>9</sup> na passarela do concurso B:

Uma pequena aspirante à miss, com cerca de sete anos de idade, entra na passarela usando um short jeans justo ao corpo, meia-calça preta e jaqueta de couro preta (e não dá para saber se ela veste alguma coisa por baixo da jaqueta). Os cabelos da menina estão soltos, bem escovados e com uso da piastra<sup>10</sup>. Ela caminha até a frente da passarela e espera o responsável pelo som colocar a música da cantora Anitta. Ao som da música, ela caminha de um lado para o outro erguendo e mexendo os braços em movimentos sensuais, leva uma das mãos ao queixo e faz “caras provocantes”, empina o bumbum e atira os cabelos para todas as direções, à semelhança do clipe da cantora. Tudo isso acontece bem na frente dos jurados e aos olhos dos espectadores ali presentes (duzentas pessoas, aproximadamente). Ao caminhar em direção à saída da passarela, a pequena concorrente tira a jaqueta de couro (nesse momento descobrimos que ela usa sob a jaqueta uma camiseta, também na cor preta, colada ao corpo e mostrando a “barriguinha”) e a joga com força no chão (bem no final do palco). Em seguida, retorna para a frente da passarela e

---

<sup>7</sup> Aqui utilizamos um excerto do diário de campo B. Ao todo realizamos três diários de campo (A, B, C). Como esse artigo trata de uma parte de dissertação, conforme já comentamos, nem todos os diários serão citados.

<sup>8</sup> Anitta é o nome artístico da cantora e compositora Larissa de Macedo Machado. Ela também é dançarina de música pop, funk e dance.

<sup>9</sup> O show de talentos consiste em uma atividade na qual cada candidata mostra aos jurados e ao público presente uma habilidade: cantar, dançar, declamar, imitar um artista, fazer uma mágica etc.

<sup>10</sup> Piastra é o nome técnico para o instrumento usado para deixar os cabelos lisos, conhecida popularmente pelo nome de chapinha.

continua rebolando, erguendo os braços, atirando os cabelos, etc., ao som de “*Chama atenção à toa... Perde a linha, fica louca...*”. Diário de Campo B

A sensação que tivemos foi a de estar em um *show* de uma casa noturna qualquer... Sentimo-nos desconfortáveis, pois começamos a nos questionar sobre tais práticas e a pensar e problematizar acontecimentos e práticas tidas como “naturais” nos concursos – e, mais: começamos a questionar por que, afinal de contas, aquelas duzentas pessoas gostaram tanto daquela apresentação (e dos outros seis “shows das poderosas”), com a mesma coreografia e com as mesmas letras e músicas! Ao sentarmos para elaborar a escrita da cena apresentada acima, decidimos assistir ao videoclipe oficial da canção coreografada pela aspirante a miss disponibilizado no YouTube<sup>11</sup>. As imagens do clipe ajudaram a compor o diário de campo (ver KNUPP, 2015) justamente porque, de acordo com Barthes (2009), elas ajudam a apresentar atributos e significados completando/ampliando os sentidos dos textos escritos, sendo tomadas por sentidos, ensinando como devemos nos portar, a que hábitos podemos nos dedicar, o que é possível cobiçar. Assim, tanto as imagens do clipe de Anitta quanto as imagens das pequenas misses nas apresentações não são neutras e, tampouco, inocentes: elas produzem e veiculam lições em termos de sensualidade, erotização, malícia. Esses e tantos outros ensinamentos são consumidos, aprendidos e reproduzidos, diariamente, através de diversas instâncias culturais nas quais meninas e mulheres estão inseridas. E, na esteira dos certames infantis de beleza, são tais ensinamentos que acabam por borrar, ainda mais, as fronteiras entre crianças e adultos, entre representações de pureza, ingenuidade versus erotização, sensualidade e hipersexualização. Os concursos infantis de beleza capturam as pequenas misses, aproximando-as sobremaneira do mundo das misses adultas – assim, a pequena miss é ora “uma boa e comportada menina” (WALKERDINE, 1999, p. 76), ora erotizada (transformada em “menina-mulher”) quando se apresenta perante jurados e plateia. Ela acaba por ter o rosto e o corpo estampado em campanhas publicitárias, programas televisivos, apresentações de dança, desfiles de moda, aparições estratégicas em eventos sociais (com a faixa e a coroa recebidas) para propagação do nome do concurso ou, simplesmente, se mostrar em festas de maneira espetacularizada para acalmar e satisfazer os

---

<sup>11</sup> Ver “O show das poderosas” em <https://www.youtube.com/watch?v=FGViL3CYRwg>, acessado em 06/08/2017.

desejos dos familiares (pais, avós). A cada ano, novos eventos são criados e cada vez mais aumenta a exposição da imagem da pequena miss em poses provocantes, sensuais e eróticas.

Apresentamos mais um excerto de diário<sup>12</sup> de campo que vem ao encontro das discussões aqui expostas e que, na esteira dos certames infantis de beleza, vão constituindo um certo tipo de menina:

Uma menina usando uma fantasia de rainha de carnaval entra na passarela. A roupa extremamente sensual, deixa aparecer o bumbum (em seu corpo; uma calcinha fio-dental sobre a qual tinha um pequeno acessório na cor laranja e vazado). Na parte superior, cobrindo os seios (apesar de ter apenas onze anos de idade, a menina já apresentava seios, curvas pelo corpo e era considerada “*muito alta*” pelos presentes), um sutiã estilizado em laranja e muito brilho. Além disso, usava esplendor na cor rosa, um acessório na cabeça com algumas penas e uma bota vazada na cor prata. Ao longo de sua apresentação (com direito a uma dança sensual – com rebolados e “*descidas até o chão*” – que acentuava ainda mais a exposição de seu corpo), uma parte da plateia aplaudia muito e a ovacionava, mas outra parte a criticava. Diário de Campo A

Fantasiar sobre as crianças e erotizar as meninas pequenas, para Walkerdine (1999),

não é um problema que diz respeito a uma minoria de pervertidos da qual o público em geral deveria ser protegido. Trata-se de fantasias disseminadas na cultura, as quais são também contrapostas, de forma igualmente vigorosas, por outras práticas culturais, sob a forma de práticas de bem-estar psicopedagógicas e sociais que incorporam discursos da inocência infantil (p. 85).

As crianças contemporâneas têm sido alvo de grandes apelos comerciais, sendo descobertas como consumidoras e, simultaneamente, como objetos a serem desejados e consumidos. Essa descoberta, segundo Steinberg e Kincheloe (2004), ocorreu a partir do período após a Segunda Guerra Mundial,

---

<sup>12</sup> Aqui utilizamos um excerto do diário de campo A.

com o surgimento de novas tecnologias que incrementaram a indústria de produtos e entretenimentos destinada aos infantes.

O corpo como projeto e objeto de consumo – ou “corpo negócio” (GUIZZO, 2011, p. 157) ou, ainda, “corpo capital” (GOLDENBERG, 2010) – é apresentado por Brumberg (1997) como sendo uma característica do final do século XX. Segundo afirmações da referida autora, no século XIX, somente a partir da adolescência é que os jovens se autocriticavam acerca de seus corpos. Já na década de 1990 do século XX, meninas entre oito e nove anos de idade apresentavam descontentamento com seus corpos e aspiravam/desejavam um corpo perfeito. Para isso, recorriam a dietas rigorosas em busca de um corpo esguio. Brumberg (op. cit.) argumenta que

o corpo é um projeto de consumo para as meninas contemporâneas, pois fornece um meio importante de auto-definição, uma maneira de anunciar quem você é visivelmente no mundo. A partir de uma perspectiva histórica, esta forma particular de expressão adolescente é um fenômeno relativamente recente (...). Esta nova liberdade para exibir o corpo e se adequar aos padrões de beleza foi acompanhada, no entanto, por regimes e dietas que envolviam dinheiro, bem como exigiam a autodisciplina (BRUMBERG, 1997, p. 97-98).

Na atualidade, essa busca incansável por um corpo projeto já começa na infância e em idades inferiores às citadas por Brumberg (op. cit.) e os concursos infantis de beleza propagam a magreza e vendem os corpos das misses como perfeitos, sugerindo que as crianças, especialmente as meninas, devam almejar padrões de beleza inatingíveis.

A seguir, apresentamos alguns ensinamentos desses eventos de beleza envolvendo meninas em idades tão pequenas.

## **OUTROS ENSINAMENTOS DOS CERTAMES INFANTIS**

(...) rejeitar os “consumidores falhos” – essas ervas daninhas do jardim do consumo, pessoas sem dinheiro, cartões de crédito e/ou entusiasmo por compras, e imunes aos afagos do marketing. Assim, como resultado da seleção negativa, só jogadores ávidos e ricos teriam permissão de permanecer no jogo do consumo (BAUMAN, 2008, p. 11).

Na citação acima, Bauman dá destaque para uma das características mais marcantes dos concursos de beleza contemporâneos – o consumo. Em 1963, quando a gaúcha Ieda Maria Vargas conquistou o primeiro lugar no Miss Universo (categoria adulta), ela usava o mesmo vestido que já havia desfilado no Miss Porto Alegre, no Miss Rio Grande do Sul e no Miss Brasil. Além disso, nunca havia feito uma plástica. Hoje, isso é algo impensável; em cada etapa do concurso se exige um vestido novo/inédito, outros sapatos, outras produções, outros acessórios, outras intervenções cirúrgicas... Enfim, trata-se de uma busca constante em atingir desejos e padrões de beleza. Segundo Bauman (2008), essa busca desenfreada por satisfação (que, segundo ele, “começa como um esforço para satisfazer uma necessidade”) logo se transforma em “compulsão ou vício” (p. 64).

Nos concursos infantis isso não é diferente; a busca por uma beleza inalcançável é constante e permanente, sendo preciso investir em produções, em treinos de passarela, de postura e de comunicação (não só em saber se expressar bem, mas saber o que pode e o que não se pode falar). Todas essas condutas vão servir para demonstrar que a beleza nesse tipo de competição “precisa ser paga” (GIROUX, 1998, p. 13) e com grandes investimentos financeiros. No concurso B observado, a mãe da vencedora investiu aproximadamente 20 mil reais para “desbancar” as demais concorrentes na disputa estadual. Entre os gastos, notadamente, estava a contratação de um *staff* formado por cabeleireiro, maquiador, estilista, dentista, acompanhante para o show de talento, treinador para entrevista e professor de dança! Além de investimentos em roupas, calçados, acessórios, brindes para jurados, despesas com deslocamento, alimentação, hospedagem, aluguel de ônibus para torcida, valor de inscrição etc.

Nesse momento, recorreremos à metáfora dos “circuitos e teias” usada por Douglas Moacir Flor (2007) em sua dissertação intitulada “*A convocação para o consumo nas pedagogias culturais – circuitos e teias do complexo Rebelde*”, pois entendemos que os concursos acabam “enredando” crianças, pais, profissionais ligados à indústria da beleza (e, no limite, a todos nós...) nas teias do consumo. Flor (2007) mostra porque resolveu utilizar tal metáfora combinada (circuito e teia): “em primeiro lugar, porque a ideia de circuito, para a Física, remete a um conjunto de elementos conectados por onde circula eletricidade/energia; em segundo lugar, a ideia de ‘teia’, faz alusão à textura urdida pela aranha para enredar e capturar suas presas” (p. 15). Assim, ele entende que os circuitos e as teias, urdidos para levar ao consumo, são dotados

de uma vitalidade irresistível e aderem de forma inescapável às subjetividades enredadas em suas tramas. Na percepção desse autor:

(...) circuitos e teias são formados com a finalidade de capturar a criança de tal modo que seja impossível que ela escape. O circuito se faz importante por gerar energia. Existe uma corrente contínua que faz com que as pessoas não percam o desejo de comprar. A teia se constitui com a tarefa de capturar. Uma vez capturada, a criança fica fascinada pelo mundo em que é inserida e movimenta-se freneticamente dentro dele. A cada momento, induzido pelo poder (de todo o tipo) do circuito, enleia-se mais e mais nas teias (FLOR, 2007, p. 15-16).

O concurso infantil de beleza funciona como um circuito, dotado de muita “energia” que, após a sua “explosão”, resulta em diversas práticas de embelezamento, seja por meio da aquisição de inúmeros e incontáveis produtos que demandam uma competição desse gênero (cílios e unhas postiços; sapatos personalizados; vestidos de fadas, princesas, rainhas; facetas para os dentes; apliques de cabelo; colorações capilares etc.); seja através de práticas comportamentais (postura, gestos, tom de voz, sorriso, caminhar, olhar, entre outras). A partir do momento em que são introduzidas na cultura dos eventos infantis de beleza, as meninas não conseguem escapar das teias e se enredam mais, mais e mais... mais vestidos, mais sapatos, mais maquiagens, mais posturas e gestos artificiais. Essas práticas elaboradas para o universo da preocupação com a beleza vão subjetivando essas pequenas meninas e inventando novos modos de ser/estar/viver a infância.

Todas essas práticas presentes nos certames de beleza também nos fizeram pensar na obra de Sarlo (2004), na qual a autora refere-se ao consumidor que tem dinheiro para intervir no mercado como um “coleccionador às avessas”, ou seja, adquirindo os objetos sabendo que a partir do instante em que agarrá-los, eles serão desvalorizados. Dessa forma, esses objetos começam a deixar de ser atrativos, têm seus valores estremecidos e, logo, se tornam obsoletos e antigos, exigindo que sejam descartados (p. 27) – diferentemente do colecionador tradicional, para o qual as mercadorias vão se tornando mais valiosas à medida que o tempo vai passando, chegando mesmo a se tornarem insubstituíveis. A autora supracitada vale-se do termo “coleccionador às avessas”, pois, para ela, na vida pós-moderna, ser colecionador assume representações distintas do colecionador tradicional. Para este, as mercadorias implicam mais valores à medida que o tempo passa e se

tornam literalmente insubstituíveis (op. cit.). Já para o “colecionador às avessas”, Sarlo afirma que ele jamais vai se satisfazer com um objeto consumido, pois sempre haverá novos objetos sendo desejados e despertando a sua atenção (op. cit.).

Nesse concurso-negócio, a miss ou aspirante a miss se torna uma “colecionadora às avessas”. Ela coleciona guarda-roupas de vestidos, sapatos, trajes “típicos”, trajes para apresentações de “talentos”, trajes para desfile gala, etc. Estes, a partir do momento em que são adquiridos, já começam a perder o brilho e novos desejos (por objetos inéditos) surgem de forma inextinguível. Ao conversar com uma das mães sobre a grande coleção de trajes já utilizados por sua filha aspirante à miss, soube que fotografar os diferentes itens é uma prática bastante comum – prática que ajuda o *staff* na hora da preparação da pequena miss e que, além disso, reforça a sensação de descartabilidade! Com todas essas práticas naturalizadas pela cultura dos certames infantis, as crianças vão aprendendo que, na vida, devem comprar, desfrutar rapidamente e descartar rapidamente, pois a sociedade de consumo faz parecer que tudo deve estar em movimento, objetivando fazer com que nossas necessidades/desejos sejam eternamente insaciadas e com que busquemos sempre adquirir novas mercadorias (BAUMAN, 2008, p. 126).

Para as meninas que já carregam títulos e mais títulos, apesar da pouca idade, a lógica consumista as leva a desejarem novos trajes e novas competições. No instante em que são anunciadas pelo locutor como vencedoras de um determinado concurso, as meninas já afirmam, em entrevistas, quais os seus objetivos pessoais (e profissionais!) para o concurso seguinte. Dessa maneira, o *circuito* e a *teia* ganham força e se renovam. Lívia Lima, após ser anunciada Mini Miss Brasil 2014 aos oito anos, afirmou aos meios de comunicação que o seu objetivo, a partir daquele momento, era vencer o Mini Miss Universo e “*orgulhar a todos*”. Parece que as crianças (tanto participantes quanto vencedoras) de certames de beleza aprendem que a vitória deve ser comemorada não pela conquista em si, mas por algo que, supostamente, ainda virá (um concurso maior, um contrato comercial de trabalho etc.). Perversamente, ganhar uma faixa e uma coroa é algo que, imediatamente após as fotos e entrevistas, já se enfraquece: a comemoração deve ser pelo fato de a vitória credenciá-la a participar de outro evento.



## CONCLUINDO...

(...) o mundo pós-moderno produz não apenas uma economia, um modo de produção e uma sociedade muito peculiares, como constitui sujeitos de um certo tipo, pessoas pós-modernas (COSTA, 2010, p. 133).

É na perspectiva apontada no excerto acima que buscamos pensar/compreender as crianças contemporâneas construídas nos/pelos concursos infantis de beleza. Olhando para as meninas pós-modernas que frequentam tais instâncias da cultura, destacamos neste texto algumas das práticas naturalizadas por elas e seus pais em relação ao consumo compulsivo de roupas, sapatos, joias, maquiagens etc. – artefatos que são usados em momentos bastante específicos dos concursos (às vezes, durante uma apresentação de poucos segundos!) para, em seguida, serem descartados no lixo ou, no limite, fotografados e guardados em baús. Com essas práticas, as crianças vão aprendendo que os desejos devem ser sempre buscados, e que adquirir novas mercadorias é uma necessidade constante a priorizar, não importando os meios usados para se alcançar um título. As meninas-misses constituem-se na cultura dos concursos de beleza como “consumidoras às avessas”, ou seja, o desejo nunca é sanado; a partir do instante em que se adquire o objeto e/ou título, ele perde o significado/valor e, como um vício, inicia-se o ciclo novamente. Capturadas e enredadas nas teias do consumo, inventam-se novos corpos infantis e outros modos de ser/estar/viver as infâncias pós-modernas.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, R. Retórica da imagem. In: BARTHES, R. *O óbvio e o obtuso*. Lisboa: Edições 70, 2009, p. 27-46.

BAUMAN, Z. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BECK, D. Q; GUIZZO, B. Moda e embelezamento: "borramento de fronteiras" entre mulheres e meninas. In: MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa (Org.). *Educação para a Sexualidade - Coleção Cadernos Pedagógicos da EAD*. 1 ed. Rio Grande, v. 23, p. 179-192, 2014.

BIVANS, A. M. *101 secrets to winning beauty pageants*. New York: A citadel press book, 1995.

BRUMBERG, J. *The body Project: an intimate history of American girls*. New York: Random House, 1997.

COSTA, M. V; SILVEIRA. R. H; SOMMER. L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, p. 23-60, 2003.

COSTA, M. V. Sobre a contribuição das análises culturais para a formação de professores no início do século XXI. *Educar em Revista (Impresso)*, v. 37, p. 129-152, maio/ago., 2010.

DEBERT, G. G. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes antropológicos*, ano 16, n. 34, p. 49-70, 2010.

FELIPE. J. "Pequena Miss Sunshine" e os Estudos Culturais. In: XAVIER FILHA, C. (Org.). *Sexualidades, gênero e infâncias no cinema*. Campo Grande, MS: UFMS, 2014.

FELIPE, J; GUIZZO, B. S. Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo. *Pro-Posições*, v. 14, n. 3, p. 119-130, set/dez. 2003.

FERREIRA, T. *Teatro infantil, crianças espectadoras, escola: um estudo acerca de experiências e mediações em processos de recepção*. 2005.

Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

FISCHER, R. M. B. *Televisão e educação: fluir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FLOR, D. M. *A convocação para o consumo nas pedagogias culturais: circuitos e teias do complexo rebelde*. 2007. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2007.

GIROUX, H. A. *Nymphet fantasies: child beauty pageants and the politics of innocence*. *Social Text*, v. 16, n.4, p. 31-53, 1998.

GOLDENBERG, M. *O corpo como capital: gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira*. 2 ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

GOMES, N. L.; MIRANDA, S. A. Gênero, raça e educação: indagações advindas de um olhar sobre uma academia de modelos. *P O I É S I S* – revista do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Sul de Santa Catarina, v. 8, n. 13, p. 81-113, 2014.

GOTTSCHALK, S. Postmodern sensibilities and ethnographic possibilities. In: BANKS, A; BANKS, S. *Fiction on social Research*. London: Sage, 1998.

GUIZZO, B. S. *“Aquele negrão me chamou de leitão!”: representações e práticas corporais de embelezamento na educação infantil*. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Tese. (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

GUIZZO, B. S. *Identidades de gênero e propagandas televisivas: um estudo no contexto de educação infantil*. 2005. 157f. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

KNUPP, A. J. F. *Escolas de pequenas misses: um estudo sobre os concursos infantis de beleza*. 2015. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2015.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MOMO, M. *Mídia e consumo na produção de uma infância pós-moderna que vai à escola*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Tese. (Doutorado em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

REVISTA NEWS.COM.AU. Kerry Campbell loses custody of 8-year-old daughter she injected with Botox. Disponível em: <<http://www.news.com.au/entertainment/tv/kerry-campbell-loses-custody-of-8-year-old-daughter-she-injected-with-botox/story-e6frfmyi-1226057230833>>. Acesso em: 06 ago. 2017.

RUGGI, L. O. *Aprendendo a ser a corporificação da beleza: pesquisa com alunas de uma escola de modelos*. 2005. 110f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

SABINO, C. Musculação: expansão e manutenção de masculinidades. In: GOLDEMBERG, M. (Org.). *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SARLO, B. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na argentina*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

SILVEIRA NETTO, C. F. *Significado cultural dos bens de consumo em um concurso de beleza*. 2010. 131f. Dissertação (Mestrado em administração) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

STEINBERG, S. KINCHELOE, J. L. *Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2004.

WALKERDINE, V. A cultura popular e a erotização das garotinhas. *Educação & Realidade*, Porto Alegre: FAGED/UFRGS, v. 24, n. 2, jul/dez. 1999, p. 75-88.

WORTMANN, M. L. C. Análises culturais: um estudo de lidar com histórias que interessam à educação. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos investigativos II* – outros modos de pensar e fazer pesquisa em Educação. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 71-90.

*Recebido em 23/11/2016*  
*Aprovado em 31/05/2017*